



Olivier Messiaen e a Actualidade do Sagrado

Yolanda Espiña

Artigos Meloteca 2009



“Alléluias sereins d’une âme qui désire le ciel”

Olivier Messiaen, *L’Ascension* (II)

1.

Na homilia das solenidades fúnebres em honra de Olivier Messiaen, celebradas na Igreja da Santíssima Trindade de Paris a 14 de Maio de 1992, alguns dias após a sua morte - e nesse mesmo templo que tinha testemunhado a sua fé feita música desde que, em 1931, fora nomeado o seu organista titular -, o Cardeal Jean-Marie Lustiger manifestava emocionado: “Olivier Messiaen foi um daqueles homens em que a coincidência entre a obra musical e o caminho espiritual se exprimiu com uma tal serenidade, uma tal segurança, que se superaram as separações, as divisões, as hostilidades, as incompreensões por vezes mortais que existiram entre esta Igreja, que Messiaen tanto ama e nos ajuda a amar, e a arte com as suas obscuridades e as suas luzes, os seus avanços e recuos, as suas derrotas e as suas fantásticas descobertas.”

O Cardeal falava aqui de serenidade e certeza, mas não sem luta. Com efeito, essa confluência entre arte e fé era o produto de uma exploração arriscada, a descrição de uma aventura em torno ao ainda não configurado, desconhecido, à procura do contorno do som no real e os seus

Olivier Messiaen e a Actualidade do Sagrado

reflexos e sinestésias. Mas era uma luta que, apontando ao profundo do real, não ficava então pelo meramente musical, tirando qualquer presunção de ocasionalidade; continua o Cardeal: «(...) não se trata apenas de uma convergência accidental, mas de uma concentração, de uma focalização em torno do essencial da vida e da inteligência humana e divina. Na realidade, estes dois caminhos cruzam-se e sobrepõem-se.»

Uma tal concentração no essencial, uma tal focalização no primordial e basilar da existência humana não escapa, no entanto, a uma tensão existencial igualmente profunda que, novamente, o Cardeal Lustiger, nesta mesma sentida homenagem, não deixaria de sublinhar, desvelando ainda palavras do próprio Messiaen: «O drama da minha vida é que escrevi música religiosa para um público que não tem fé.»

Tudo em Olivier Messiaen revela, sem qualquer equívoco, a radicalidade da dimensão da sua fé – uma fé que era a própria trama da sua vida –, pressagiando como só desde a compreensão de uma tal radicalidade pode ser alcançada, também, a autêntica compreensão da sua música. Ao mesmo tempo, é a força deste drama que nos conduz a uma outra compreensão sobre a relação entre a arte e o sagrado, e o decisivo nível ao que o compositor francês elevou esta questão, iluminando com o brilho do génio o fervor do já crente, mas também o espaço aberto da natureza esperançada.

2.

O sagrado é lugar de encontro entre Deus e o homem. Sendo Deus o absolutamente Santo, a Alteridade absoluta que precede a todo ser e da qual procede todo ser, Ele é o único necessário, sendo tudo o que resta contingente. Por isso o radicalmente Outro, o Santo, não precisa de se manifestar. Quando o faz, fá-lo *para* o homem. E fá-lo sob a *forma* do sagrado. Podemos afirmar, assim, que o sagrado não é a forma própria de Deus, mas a *forma própria* em que o homem *se relaciona* com Deus. E toda forma, com efeito, para o ser realmente, precisa de uma configuração.

O conceito de sagrado manifesta, assim, um carácter *bidireccional*, particularmente claro no caso da arte, dada a sua natureza material. Porque aquilo que situamos materialmente no âmbito do *sagrado* aparece ou pertence ao mundo da realidade (visível ou invisível) do homem, tem uma qualidade objectual, mas *refere a algo* que não encontramos nesse âmbito. Além disso, pertence radicalmente a outro âmbito. Agora, essa referência é, deve ser, explicitamente reconhecida como tal pelo homem, com um determinado sentido, para podermos dar toda a sua extensão semântica ao conceito do sagrado na arte. E, ao falar de *sentido*, apresenta-se aqui o

Olivier Messiaen e a Actualidade do Sagrado

duplo aspecto que podemos observar no próprio termo, isto é, como *significado*, e como *orientação*. Deste modo, na configuração específica - a forma artística - confluem uma direccionalidade que parte do homem, como reconhecimento *explícito* do mistério aí envolvido, e uma direccionalidade *desde* o Outro, que é, em definitivo, a origem e destino do sentido do gesto configurador do homem. Este gesto configurador só é qualificado como pertencente ao âmbito do sagrado na medida em que é reconhecida pelo homem a radical precedência ontológica do Outro, de Deus. A existência desta precedência tem múltiplas consequências nas diversas dimensões que constituem o ser humano. Mas no âmbito da arte implica, essencialmente, a *actualização* do reconhecimento, isto é, do sentido do sagrado. Por isso a tradicional dialéctica da arte entre forma e conteúdo adquire aqui uma nova significação, na pretensão de *fazer presente* o sagrado.

3.

Lembremos aqui que Messiaen – como enunciou na sua célebre conferência em Notre-Dame de Paris, em 1977 – entende por música “religiosa” ou, em geral, arte “religiosa”, toda a arte que tente expressar o Mistério divino (e inclui aqui toda música que se aproxime “com reverência” ao divino). Curiosamente, é esta música definida a partir dessa *explícita* relação com o Mistério o eixo entre a música propriamente “litúrgica” (ligada ao culto oficial, e que Messiaen identifica expressamente com o gregoriano) e a música aberta ao



Notre-Dame de Paris

“inefável”, uma complexa definição de música (em definitivo, de toda música) que se abre ao transcendente, iluminando ao mesmo tempo de um modo inovador a própria ideia de música – a “música-cor”. Não será menos “religiosa” esta música, no entanto, se aqui procurarmos a sua identificação com a tradicional ideia de Beleza, no seu *brilho*, como o próprio Messiaen descreve na mencionada conferência: “(...) a música litúrgica celebra a Deus na Sua casa, na Sua igreja, no Seu próprio sacrifício; a música religiosa descobre-O em todo tempo e lugar; mas a música-cor faz o que faziam os vitrais e rosáceas medievais. Conduzem-nos ao deslumbramento. Orientam para a fé os nossos sentidos mais nobres: o ouvido e a visão. Esta música comove a nossa sensibilidade, excita a nossa imaginação; agudiza a nossa inteligência; permite-nos superar os conceitos, abordar o que está por cima da razão e da intuição, isto é, a Fé.”

Olivier Messiaen e a Actualidade do Sagrado

Eis, assim, como Messiaen revela na música uma função iluminadora, semelhante àquele desejo platónico manifestado no olhar, que se descobre em si mesmo atingido pelo brilho do Ser mas que deve aprender a olhá-Lo e, para isso, orientar todo o seu corpo das trevas para a luz. A música surge deste modo como a expressão da própria existência do desejo, palpante unidade da natureza sensível do homem e o pressentimento da existência do Mistério. Por isso a relação entre a arte da música e o sagrado mostra em Messiaen uma integralidade e verticalidade só comparáveis, quiçá, à de um outro gigante da música, J.S. Bach (fica para outra ocasião estabelecer esta comparação).

4.

A actualização do sagrado mostra-se em Messiaen como uma actualização sensivelmente - esteticamente - mediada. O meio musical, no entanto, não fica independente do *sentido*, na medida em que em todo o processo musical é convocado o *logos*. Porque a música enquanto tal é sempre uma configuração abstracta sonora, isto é, um sistema sónico que se desenvolve mediante relações. Mas nessa pura forma relacional mostra um *logos* específico, capaz de dinamizar a interioridade do homem de um modo expressivo. E nessa dinamização interior abre-se um espaço sinestésico que, na sua abstracção, é capaz de convocar e manter uma referencialidade, a qual, dadas as características temporais da música, só é tal enquanto que permanentemente actualizada. Assim, a música



Card. Jean-Marie Lustiger

acaba por ser, e de modo eminente no caso de Messiaen, uma amplificação do *logos* precedente; ou também, um pressentimento da origem do sentido. É nesta referencialidade, como noutra passagem da mencionada homilia, sublinhava o Cardeal Lustiger, que se declara a arte «(...) como uma roupa, como uma carne que se acrescenta a esta carne que é a Palavra, o Verbo incarnado. A arte é aqui uma grande abundância da palavra que nos faz penetrar no mais além da Palavra. »

Mas existe ainda um outro sentido para a actualidade do sagrado na música de Olivier Messiaen: a sua plena contemporaneidade. Só porque é capaz do primeiro sentido de actualização, é possível a profunda contemporaneidade dessa actualização, quando é o génio que explora a realidade, tentando extrair dela Beleza, para aproximar-se da Verdade, tornando-

Olivier Messiaen e a Actualidade do Sagrado

se assim ele próprio num profeta. Mas o destino do profeta é preceder o tempo, anunciando o futuro na novidade do presente. É outra vez Lustiger (desta vez, em palavras dedicadas em vida a Messiaen) que aponta ao profundo do mistério da actualidade de Messiaen: «O reconhecimento social da arte (da sua arte) tem por paradigma o milagre das línguas do Pentecostes. »

Outra vez, lugar de encontro entre Deus e o homem: desta vez, sob a forma de encontro entre a arte e os homens. Pressentimento do Mistério. O sagrado...

REFERÊNCIAS

Olivier Messiaen. Conférence de Notre-Dame (Paris, 4 Décembre 1977). Paris: Leduc, 1978.

Jean-Marie Lustiger. Homélie, Messe de Requiem pour Olivier Messiaen, à l'Église de la Sainte Trinité (Paris, 14 Mai 1992). Remise du Prix Paul VI a Olivier Messiaen; Allocution, à Notre-Dame (Paris, 28 Mars, 1989). www.oliviermessiaen.org

Platão. *República*, 518b.

YOLANDA ESPÍÑA

Doutorada em Filosofia pela Universidade de Navarra (Espanha)

Professora Auxiliar da Escola das Artes da UCP

Coordenadora da Área Transversal de Teoria da Arte nas Licenciaturas e Mestrados da EA

Exerce actividade docente nos diversos ciclos de Estudos da EA, nas áreas de Estética, Ética e Comunicação.

Texto publicado em 2008 pela Escola das Artes da UCP no programa do centenário do nascimento de Olivier Messiaen. Da programação constou a obra integral da obra para órgão de Messiaen (pelos organistas Daniel Ribeiro, Giampaolo di Rosa, António Esteireiro, António Mota, Winfried Böinig), e a mesa redonda “Olivier Messiaen: diálogos entre música e espiritualidade” (29 Outubro de 2008), com os Prof. Doutores Joaquim Azevedo (moderador), Jorge Cunha (comentador), Teresa Macedo, José Abreu, José Paulo Antunes, Giampaolo di Rosa, Yolanda Espiña.